

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA**  
**KING HU E O CINEMA WUXIA DE TAIWAN**  
**10 e 14 de março de 2023**

**THE SWORDSMAN OF ALL SWORDSMEN/YI DAI JIAN WANG / 1968**

*Um filme de Joseph Kuo*

*Realização:* Joseph Kuo / *Argumento:* Hsu Tien-yung e Joseph Kuo baseados numa história de Shui-han Chiang / *Montagem:* Chiang Shu-hua / *Direção de Fotografia:* Lin Tsan-ting / *Música:* Li Szu / *Produção:* Cheung Tiu-yin / *Interpretações:* Shang-guan Ling-feng (Flying Swallow), Tien Peng (Tsai Ying-jie), Yang Meng-hua (filha do *performer* viajante), Chiang Nan (Black Dragon), Tsao Tsien (Yun Chun-chung), Miao Tien (Chou Hu), Ko You-min (Fang Bao), Lu Shih (Liu Xiang), Hsueh Han (Yin Shih) / *Cópia:* DCP, a cores, falado em mandarim, com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 86 minutos / *Estreia Mundial:* 6 de outubro de 1968, Taiwan / *Inédito comercialmente em Portugal* / *Primeira apresentação na Cinemateca.*

\*\*\*

Após ter realizados vários dramas nos idos anos 50, Joseph Kuo juntou-se à companhia de King Hu e absorveu, como uma esponja, os ensinamentos deste mestre maior do género *wuxia* (filmes de cavalaria e de artes marciais). Estes filmes misturavam muita ação, de forte apelo local, com socos e pontapés dentro do estilo *kung fu*, com um olhar renovado sobre o que havia sido feito fora de portas, importando e reinterpretando a métrica visual e alcance metafísico da moral dos filmes de samurais e mesmo de *cowboys* (em particular, do *western spaghetti*), havendo ainda alguma crítica a ver nestes títulos (sobretudo os de King Hu) uma expansão muito particular do género clássico do musical (e porque não?).

Podemos dizer que Joseph Kuo se limita a continuar, com menos criatividade ou sensibilidade plástica, o que King Hu já fizera no seu clássico **Long men kezhan/Dragon Inn** (1967). As semelhanças entre os dois filmes são várias – a extraordinária cena de luta na estalagem ou *inn* podia constar do filão de pancadaria presente na obra, muito mais “concentracionária”, de King Hu. Mas também reencontramos a impressionante atriz de **Dragon Inn**, Ling-feng, no papel de uma temível lutadora, Flying Swallow, ainda que, desta feita, dividida entre dois homens que ama: o seu pai e o vingativo herói, interpretado por Tien Peng, que também figurou no elenco desse filme de King Hu. Entre os dois calha existir uma história sangrenta, que culminou na morte dos familiares do nosso protagonista a mando do pai de Flying Swallow.

Flying Swallow é o polo feminino da narrativa, complexificando-a do ponto de vista moral, já que o mandante de tão terrível crime é, no principal tempo da ação (aqui e ali interrompida por *flashbacks*), um velho muito debilitado que não esconde o seu arrependimento por todo o mal feito. O outro polo, mais pueril, diz respeito ao misterioso espadachim chamado Black Dragon, interpretado por Chiang Nan – participa da mitologia e iconografia do género *wuxia* a figura mais ou menos lendária do homem “vindo não se sabe bem de onde” e que, por vezes, se apresenta de face

semiescondida por um chapéu. Aqui, este ostenta o título de o mais temível dos espadachins – ia escrever de “todo o faroeste”, porque, de facto, sentimos logo, de maneira particularmente expressiva, a ressonância de personagens oriundas de outras latitudes, mas outrossim icónicas, interpretadas pelo “pistoleiro” Clint Eastwood ou, antes delas e, claro, a oriente, pelo “samurai” Toshiro Mifune.

A personagem de Black Dragon produz uma certa “suspensão” da história, assaz sisuda, de amor e de redenção, prometendo atirá-la para o plano da pura ação, pois pretende pôr à prova essa fama que o precede numa luta mano-a-mano, uma espécie de duelo com hora marcada, visando o dito herói sedento de vingança. Mas não irá perturbar – bem pelo contrário – o ajuste de contas que este último levará a cabo. Black Dragon é uma espécie de espectador paciente e atento ao drama moral, funcionando a sua presença na intriga como promessa de mais (e melhor) ação guardada para o final. O que se passa é que – tal como acontece noutros *wuxia*, ainda que seja inevitável, pelo menos para mim, pensar também na conclusão de **Tsubaki Sanjûrô/Sanjuro** [1962] de Akira Kurosawa – o desenlace poderá não ser exatamente como esse puro espetáculo de toma-lá-dá-cá, qual longo e vistoso *display* das supercapacidades dos dois contendores aspirando ao título de “o espadachim entre os espadachins”. Bem pelo contrário: aquilo que parecia ser a promessa de um desvio rumo à diversão pueril, acaba por se revelar uma importante lição de boa moral, exaltando o profundamente sentido respeito comungado por estes dois lutadores convertidos, enfim, em “irmãos”, pois a grandeza do seu exemplo torna-se insuperável não por lutarem mas por decidirem “parar de lutar”.

Um final algo anti-climático, mas, vendo bem, foi nisto em que se especializou um cineasta como King Hu (mais tarde, Quentin Tarantino transformou o anticlímax em ingrediente especial, nomeada e mormente na brilhante conclusão de **Kill Bill: Vol. 2** [2004]). O seu propósito também era o de transformar os filmes populares de ação em tratados sobre a nobreza do coração humano face, por exemplo – e pensando agora especialmente neste **The Swordsman of All Swordsmen** – não à fraqueza mas à grandeza do mais anti-espectacular dos gestos, aquele que consubstancia uma figura do perdão ligando *swordsmen* rivais ou mesmo aliando inimigos figadais.

Um sucesso de bilheteira em Taiwan, este título constituiu a primeira pedra de um conjunto de filmes de ação, alguns cedendo ao registo mais irónico e inconsequente, transformando a *enquête* particular de Black Dragon numa competição épica pelo título do “mestre dos mestres” (como é o caso daquele outro filme de culto de Joseph Kuo, **Jue quan/7 Grandmasters** [1977]), outros regressando ao tom mais solene do filme de vingança (caso de **Shao Lin Si shi ba tong ren/The 18 Bronzemen** [1976], obra que reedita a dupla de protagonistas de **The Swordsman...**, Ling-feng e Tien Peng). Reinventando, declinando ou flagrantemente mimetizando a fórmula proposta inicialmente pelo mestre King Hu, Joseph Kuo foi ganhando, com o passar do tempo, o estatuto de cineasta de culto. Justo reconhecimento que tem sido prestado pelos amantes do género.

Luís Mendonça